

Interculturalidade e educação: uma experiência com diferentes profissionais

Patrícia F. Cavalheiro¹, Moacir L. Camargos²

¹Secretaria de Educação – Santana do Livramento
Santana do Livramento, RS, Brasil.

²Curso de Línguas Adicionais – Unipampa
Bagé, RS, Brasil.

pattyfcavalheiro@gmail.com, moacir.camargos@unipampa.edu.br

Resumo: Esta pesquisa foi realizada a partir do diálogo entre sujeitos em um curso de formação que uniu, no mesmo contexto, diferentes profissionais da educação (gestor, coordenador pedagógico, professor, secretário de escola, atendente, estagiário, manipulador de alimentos, servente, dentre outros) municipal de Sant’Ana do Livramento, RS. A partir de uma perspectiva qualitativa, analisamos a aplicação de uma proposta pedagógica com foco na interculturalidade que buscou promover a interação entre os educadores que participaram da 5ª edição do curso de formação intitulado Na Ponta da Língua. Concebido por meio de oficinas com foco na interculturalidade, o curso pautou-se na seguinte questão norteadora: “Como desenvolver uma proposta pedagógica com base na interculturalidade para auxiliar os profissionais da área educacional a dialogarem com diferentes culturas”? Com a necessidade de proporcionar às escolas um encontro que privilegiasse o diálogo com a diferença, foi preparado um curso de formação em que os profissionais da educação estivessem presentes, sem serem subdivididos em cargos ou funções, ou seja, sem hierarquizações. Ao final, apesar dos poucos encontros presenciais com os participantes, avaliamos que as oficinas contribuíram para fomentar outros olhares para o ambiente escolar.

Palavras-chave: Educação; Alteridade; Interculturalidade.

Abstract: This research was carried out through the dialogue between subjects in a training course that brought together, in the same context, different education professionals (manager, pedagogical coordinator, teacher, school secretary, attendant, intern, food handler, servant, among others) municipal of Sant’Ana do Livramento, RS. From a qualitative perspective, we analyzed the application of a pedagogical proposal with a focus on interculturality that sought to promote interaction between educators who participated in the 5th edition of the training course titled Na Ponta da Língua. Conceived through workshops with a focus on interculturality, the course was guided by the following guiding question: “How to develop a pedagogical proposal based on interculturality to help professionals in the educational field to dialogue with different cultures”? With the need to provide schools with a gathering that privileged dialogue with dissimilarity, a training course was prepared in which education professionals were present, without being subdivided into positions or functions, that is, without hierarchies. In the end, despite the few face-to-face meetings with the participants, we estimate that the workshops contributed to fostering other views of the school environment.

Keywords: Education; Otherness; Interculturality.

1. Introdução

Este artigo tem como objetivo mostrar uma parte dos resultados de uma pesquisa realizada (em 2016) junto ao Mestrado Profissional de Ensino de Línguas da Unipampa, Campus Bagé, RS. Tendo em vista a falta de contato extraescolar, e às vezes intraescolar, entre cada profissional (não só professor) que trabalha nas escolas municipais de Sant’Ana do Livramento, resolvemos, como o apoio da SME (Secretaria Municipal de Educação), criar um curso de formação em que todos esses profissionais estivessem presentes sem serem subdivididos em grupos. Nossa intenção foi proporcionar a troca experiências/conhecimentos entre eles, tendo o como eixo norteador a interculturalidade.

Um dos objetivos do curso, criado em 2013 e intitulado Oficinas de língua portuguesa,- passou a ser chamado “*Na Ponta da Língua*”- foi promover a desmistificação da língua, o que pode e o que “não pode” ser falado, ser empregado, quais são as expressões mais adequadas a serem utilizadas em cada contexto, criando, assim, conforme Bakhtin (2003), situações sócio-comunicativas que são situações reais de uso da língua em diferentes esferas de circulação dos gêneros discursivos.

O desenvolvimento das oficinas por meio dos gêneros discursivos com estes profissionais pareceu facilitar, desde a implementação do curso, além da compreensão de cada gênero trabalhado, o diálogo entre os sujeitos envolvidos no processo. Fizemos uso de cartas oficiais, e-mails, contos, lendas, quadrinhos, tirinhas, poemas, músicas, receitas, crônicas, etc.

Assim, o espaço de diálogo, proporcionado pelas oficinas, se transformou em um ambiente propício para a troca de saberes relacionados não somente à esfera escolar, mas também a outros contextos. Cada escola, com seu(s) representante(s), pode analisar, vivenciar, observar situações semelhantes e diferentes das encontradas em sua instituição. Percebemos, então, que havia formado um espaço para um projeto sobre a interculturalidade.

2. Edições de *Na Ponta da Língua* e aspectos metodológicos

As oficinas *Na Ponta da Língua* foram promovidas pela SME de Sant’Ana do Livramento. Para que elas pudessem acontecer, foi desenvolvido um projeto que suprisse as necessidades - inicialmente dos professores de anos iniciais e finais da rede municipal de educação - de leitura e produção escrita, sobretudo de textos redigidos pelos professores e, principalmente, secretários de escola, como memorando, circular, ofício, requerimento, comunicado, dentre outros.

Então, algumas gestoras, pela temática inicial do curso, solicitaram a participação de seus secretários de escola e delas próprias, pois o assunto a ser abordado nas oficinas era de interesse geral. Ao saber do período destinado às inscrições, outros profissionais também foram encaminhados ao curso; cada um com sua história e nível escolar distinto, mas com o

objetivo de aprender com os demais colegas. Isso marcou a diversidade do curso.

A cada edição das oficinas, os temas foram diferentes, mas sempre evidenciando algo que nos rodeia e que nos é útil. O saber ser, o fazer profissional de cada participante e a interação entre eles é o que motivou o planejamento do curso. As oficinas foram dinâmicas de modo a estimular a todos na realização das atividades com êxito.

Na quinta edição, realizada entre os meses de março e abril de 2016, com duração de 40 horas (ver cronograma na sequência), ministrada semanalmente à noite (das 18h às 21h), foi explanado sobre interculturalidade, por meio de pesquisas e debates. Os profissionais envolvidos participaram de várias oficinas que visavam uma reflexão e (re)conhecimento da nossa cultura fronteiriça, para que pudessem comparar com conceitos de cultura e interculturalidade.

Cada participante (de acordo com a comunidade a que pertencia - rural ou urbana) pode relacionar aspectos desenvolvidos nessas oficinas à sua vivência, seus costumes e o modo de vida de sua comunidade escolar. Houve um espaço para troca de experiências. Ao final do curso, cada participante recebeu um certificado de 40 horas de formação.

CRONOGRAMA DO CURSO NA PONTA DA LÍNGUA

DATA	CARGA HORÁRIA	ATIVIDADE
01/03/2016	3 horas	Apresentação do curso - Plano de Ensino
08/03/2016	3 horas	Oficina 1 – Interculturalidade
15/03/2016	3 horas	Oficina 2 - Navegar é preciso
22/03/2016	3 horas	Oficina 3 - O sabor da cultura
29/03/2016	3 horas	Oficina 4 - Quem somos?
30/03/2016	2 horas	Avaliação do curso
31/03/2016	3 horas	Encerramento (entrega de certificados)

Acreditamos que, somente (re)conhecendo o outro, esses profissionais da educação poderão apropriar-se de determinados conceitos pertinentes a sua vivência e convivência no ambiente escolar. Conforme nos explica Bakhtin: “é preferível que ele [outro] permaneça fora de mim, pois é a partir da sua posição que pode ver e saber o que, a partir da minha posição, não posso nem ver nem saber, sendo assim que ele poderá enriquecer o acontecimento da minha vida”. (BAKHTIN, 1997, p. 103).

Como muitos profissionais da educação municipal, por seus diferentes motivos (aquisição de certificados, contagem de horas para o curso de graduação, desejo de aprender...), almejavam participar das oficinas e, tendo em vista que foram oferecidas no

máximo 30 vagas (pelo espaço físico disponível), o método de seleção dos participantes foi por ordem de chegada, nos dias determinados para as inscrições, de acordo com o calendário estabelecido pela SME.

A maioria dos inscritos já havia participado de outras edições e, por estar satisfeito com o rendimento das oficinas, voltou para se inscrever. Mesmo assim, sempre houve espaço para novos integrantes que costumavam colaborar com as atividades propostas, até mesmo as extraclases.

Percebemos, ao longo desse tempo, que as formações anteriores foram oferecidas de acordo com o cargo e função de cada servidor (o que é necessário), mas não podemos esquecer que há relações entre todos os funcionários de uma escola. Aconteceram formações exclusivas para professores de educação infantil, atendentes, professores de anos iniciais, anos finais, estagiários, secretários de escola, serventes, merendeiras, entre outros, atendendo às necessidades específicas de funcionamento de cada setor escolar.

3.A importância de um trabalho continuado

O desenvolvimento deste trabalho de formação profissional teve como foco a interculturalidade entre profissionais atuantes nas escolas da rede municipal de ensino de Sant'Ana do Livramento. Tal proposta se justifica devido à necessidade pedagógica de diálogo por meio de troca de experiências interculturais entre os participantes do curso de formação, pois vivenciam realidades diferentes dentro de seus ambientes de trabalho, o que nos dá acessibilidade aos alunos e às comunidades escolares de pontos distintos da fronteira entre Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai), cidades demarcadas apenas por uma praça.

Muitos que compõem esse público participante do curso residem no Uruguai, já estudaram neste país, têm mãe ou pai uruguaio ou até mesmo são nativos deste país. Desse modo, temos sujeitos que circulam entre um espaço não só geográfico, mas também socioculturalmente binacional. Portanto, esse fato nos oferece possibilidades múltiplas de pesquisas a serem desenvolvidas nesse contexto de formação continuada.

A partir das discussões da pesquisadora Torquato (2008), nossa perspectiva de interculturalidade, sobretudo por estarmos em um ambiente fronteiriço que privilegia o português e o espanhol, implica um deslocamento do aprendiz de português (como língua-alvo) do seu lugar social, histórico e cultural para o(s) lugar(es) de um outro social, histórico e cultural constituído a partir de outra língua (espanhol).

Embora encontremos diversos trabalhos, provenientes de associações de pesquisadores dos mais diversos setores profissionais e acadêmicos, em linguística aplicada com o tema interculturalidade, podemos citar, por exemplo, programas de incentivo à cultura (PEIF - Programa de Escolas Interculturais de Fronteira) que são bastante específicos e direcionados a disciplinas ou projetos interdisciplinares de língua portuguesa, inglesa, espanhola, francesa, etc, tendo como sujeitos de pesquisa professores ou alunos, mas não os diferentes profissionais da educação, foco desta pesquisa.

Por esse motivo, esperamos contribuir para a discussão ao trazer a questão intercultural para o espaço escolar não pautado somente em um agente educacional ou uma

língua em específico. Dessa forma, poderemos ampliar o diálogo sobre temas diversos que surgem diariamente nas escolas como por exemplo influências na fala (devido a diferenças de idiomas na fronteira), no comportamento, no entendimento de certas situações de convivência, na compreensão da comunidade escolar, nos intercâmbios, na integração dos alunos fronteiriços, no melhor acesso à segunda língua (espanhol), bem como nas oportunidades no mercado de trabalho e projetos de aprendizagem.

A questão que norteou a pesquisa foi: “Como desenvolver uma proposta pedagógica com base na interculturalidade para auxiliar os profissionais da área educacional a dialogarem com diferentes culturas?”

Há inúmeras indagações e comentários a respeito da nossa cultura fronteiriça, vista por muitos como única, o que leva diversos profissionais da educação a relatarem sobre a necessidade da busca de uma metodologia dinâmica de trabalho que proporcione a reflexão da prática docente e traga inovações às salas de aula de Livramento que atende alunos com características fronteiriças (falares, costumes, crenças etc.), pois a fronteira (Livramento e Rivera) é um local em que a história, geograficamente, nos une, nos separa e nos intriga. Pensar em fronteira não é somente tratar de limites e demarcações territoriais. Tratar de fronteira é conhecer, discutir as diferenças existentes entre os povos, entre os sujeitos e refletir sobre as formas de lidar com essas tantas formas de manifestação social, cultural, educativa.

A fronteira pode ser considerada como o limiar dos espaços sociais e culturais, demarcando suas portas de entrada e sendo o local em que ocorre o contato inicial com a cultura que, por sua vez marca a passagem para o interior de um ambiente cultural em que o enfoque se dá ao “outro”. No dicionário de símbolos podemos entender sobre a simbolização de limiar de fronteira:

O limiar simboliza, ao mesmo tempo, a separação e a possibilidade de aliança, uma união, uma reconciliação. Essa possibilidade se realiza se a pessoa que chegar for acolhida no limiar da porta e introduzida no interior, e desaparece se ela ficar apenas no limiar e ninguém vier recebê-la. (CHEVALIER;GHEERBRANT, 2009, p. 549).

Desta forma, o limiar das fronteiras simbólicas permite, simultaneamente, o acolhimento e a rejeição que podem ocorrer a todo o momento. Esta talvez seja a principal problemática encontrada nas salas de aula, ou seja, o preconceito não se limita só ao nível linguístico (português ou espanhol), mas há constantemente uma rejeição à cultura alheia (o vestir, o comer, as canções, etc.), pois nem todos os santanenses acolhem os alunos e/ou professores estrangeiros e vice-versa.

Trabalhar nesta fronteira, conhecida como “Fronteira da Paz”, causa, sobretudo aos professores várias contradições, uma vez que muitos alunos uruguaios estudam no Brasil e muitos alunos brasileiros estudam no Uruguai. Também é muito comum encontrarmos um grande número de famílias que são mistas, ou seja, pais/avós de nacionalidades diferentes. E, quando se trata de acesso cultural às escolas de educação do campo, tanto brasileiras

quanto “de allá”, pelos professores (já que os alunos são provenientes das comunidades onde se encontram as escolas) é bastante preocupante, mas ao mesmo tempo enriquecedor pela experiência vivida.

Preocupante pela falta de recursos educativos (cursos, capacitações, materiais didáticos adequados) que auxiliem o professor em sua prática pedagógica, mas enriquecedor porque é nesse cenário de diferença que eles próprios, juntos aos alunos, criam seus recursos, agregando ou descartando o que realmente é necessário naquele ambiente de trocas de saberes. Como mostra a apresentação dos Parâmetros Curriculares Nacionais sobre Pluralidade Cultural:

O grande desafio da escola é reconhecer a diversidade como parte inseparável da identidade nacional e dar a conhecer a riqueza representada por essa diversidade etnocultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, investindo na superação de qualquer tipo de discriminação e valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade. (BRASIL, 1998 b, p. 117)

Tendo em vista que nos pautamos em viés qualitativo, neste texto, enfatizamos o que nos parece ser mais importante neste tipo de pesquisa que é privilegiar as interações humanas. A pesquisa qualitativa (Godoy, 1995) está relacionada ao levantamento de dados sobre as motivações de um grupo, em compreender e interpretar determinados comportamentos, a opinião e as expectativas dos indivíduos (no caso, dos participantes do curso Na Ponta da Língua). Ressaltamos também que a pesquisa foi de caráter exploratório, portanto, não tivemos o intuito de obter números como resultados, mas *insights* – muitas vezes imprevisíveis – que puderam indicar o caminho para tomada de decisão adequada sobre uma questão-problema ou uma situação específica.

O perfil das participantes (todas mulheres) das Oficinas Na Ponta da Língua, de acordo com as fichas de inscrições, foram:

- Uma (1) Gestora - Educação Infantil;
- Uma (1) coordenadora pedagógica - Educação Infantil;
- Oito (8) Professoras - Educação Infantil;
- Uma (1) Professora que trabalha na educação infantil de Livramento e de Rivera;
- Uma (1) Estagiária - Educação Infantil;
- Uma (1) Atendente de escola - Educação Infantil;
- Uma (1) Servente - Educação Infantil;
- Uma (1) Gestora - Ensino Fundamental/Educação do Campo;
- Uma (1) Coordenadora pedagógica - Ensino Fundamental;

- Dois (2) Professoras - Anos iniciais do Ensino Fundamental;
- Uma (1) Estagiária - Ensino Fundamental (reside e desenvolve outras atividades pedagógicas no Uruguai);
- Dois (2) Professoras - Anos iniciais do Ensino Fundamental - Educação do Campo;
- Duas (2) Professoras - Anos Finais do Ensino Fundamental;
- Uma (1) Merendeira de Educação do Campo;
- Uma (1) Servente - Ensino Fundamental do Campo;
- Três (3) Secretárias de escola;
- Duas (2) Educadoras Especiais - Ensino Fundamental.

Ao decorrer das oficinas, sete (7) participantes desistiram por motivos referentes ao horário (dia da semana ou hora do curso incompatível com suas atividades) e por não mais constarem no quadro funcional do município no ano letivo de 2016, já que as aulas e a contratação de professores iniciaram em março e as inscrições para o curso foram em fevereiro.

4. Interculturalidade

Para Bakhtin (2003) cultura é uma unidade aberta, (contrapondo à ideia de cultura como sendo fechada, o que impede o diálogo). Para este pensador russo, sendo a cultura uma unidade aberta, isso permite o enriquecimento dos sujeitos envolvidos nas relações culturais por meio do diálogo, o que se dá pela exotopia, empatia e alteridade. Nas palavras de Bakhtin:

No âmbito da cultura, a exotopia é o motor mais potente da compreensão. Uma cultura estrangeira não se revela em sua completude e em sua profundidade que através do olhar de uma outra cultura [e ela não se revela nunca em toda sua plenitude, pois outras culturas virão e poderão ver e compreender mais ainda]. [...] Face a uma cultura estrangeira, colocamos perguntas novas que ela mesma não se colocava. Procuramos nelas uma resposta a essas questões que são as nossas, e a cultura estrangeira nos responde, nos desvelando seus aspectos novos, suas profundidades novas de sentido. Se não colocamos nossas próprias questões, nos desligamos de uma compreensão ativa de tudo que é outro e estrangeiro. (BAKHTIN, 2003, p. 368)

Em uma relação intercultural, o sujeito que está fora, ou seja, em posição exotópica, tem a capacidade de olhar o outro e busca compreendê-lo por meio de perguntas, o que este não pode fazer estando sozinho. Assim, é importante a relação de alteridade para que a interação, pela linguagem, se efetive. Nesse movimento de encontro ao outro, deve haver a

empatia que é o ato de sair do meu lugar e buscar o diálogo com o outro a partir do lugar dele, ou seja, colocar-se no lugar do outro. No entanto, para que haja uma compreensão efetiva, não devo me limitar a permanecer no lugar do outro. Como explica Bakhtin:

Que devemos implantar numa cultura alheia, contemplar o mundo por seus olhos, concordo! Mas se a compreensão se reduzisse apenas a esta fase, nada mais ofereceria senão uma duplicação de uma dada cultura, e não comportaria nada de novo ou enriquecedor. Uma compreensão ativa não renuncia a si mesma, ao seu próprio lugar no tempo, à sua cultura, e nada esquece. (BAKHTIN, 2003, p. 367-368).

O resultado desse encontro com o outro não é o apagamento ou anulação, mas o enriquecimento de ambos os sujeitos envolvidos na interação. Por exemplo, se A encontra B, não teremos, ao final do diálogo, AB ou BA, mas A' e B', quer dizer, ambos saem enriquecidos após um encontro. Eles saem transformados num sentido que se aproxima do que Paulo Freire¹ (1996) denomina de educação transformadora, o que não significa anular um sujeito, mas ambos se transformam no sentido de aprenderem um com o outro, seja concordando ou discordando.

Nesse sentido, a alteridade é essencial à constituição de novos olhares sobre a própria cultura e a cultura alheia. Esses novos olhares, vale destacar, são promovidos no contexto do diálogo com o outro. Uma postura homogeneizante, como a que tende a proceder de posições dominantes, tende a dificultar, quando não inviabilizar, o diálogo.

Desse modo, pode-se entender a relação entre o conceito de exotopia/alteridade de Bakhtin (2003), que nos leva a compreender que, pelo excedente de visão que temos, enxergamos no outro aquilo que ele mesmo não pode ver. Por outro lado, precisamos do outro, que projeta a visão que ele tem de nós.

Essa visão, no entanto, não se caracteriza como um simples reflexo. Quando nos olha, o outro nos vê a partir de sua visão de mundo e de seu conjunto de valores, assim como o vemos a partir de nossa visão de mundo e de nossos valores. Nós olhamos a partir de distintos lugares cultural e sócio-historicamente construídos. A partir desta perspectiva teórica, entendemos que não estamos presos/fixos nestes lugares. Qualquer fixidez poderia gerar uma visão distorcida e etnocêntrica do outro. Há necessidade do diálogo, que faz emergir nossos valores e visões e os do outro e que gera a empatia (Bakhtin, 2003).

Para o pensador russo, no entanto, é necessário que o movimento de empatia implique

¹Paulo Freire (1921-1997) foi um dos mais célebres educadores do Brasil, com atuação e reconhecimento internacionais. Conhecido principalmente pelo método de alfabetização de adultos que leva seu nome, ele desenvolveu um pensamento pedagógico assumidamente político. Para Freire, o objetivo maior da educação é conscientizar o aluno. Isso significa, em relação às parcelas desfavorecidas da sociedade, levá-las a entender sua situação de oprimidas e agir em favor da própria libertação. O principal livro de Freire se intitula justamente *Pedagogia do Oprimido* e os conceitos nele contidos baseiam boa parte do conjunto de sua obra. No dia 13 de abril de 2012, a então presidente Dilma Rousseff sancionou uma lei que nomeou Paulo Freire como Patrono da Educação Brasileira.

o retorno ao próprio lugar, caso contrário, instaura-se apenas a duplicação/dublagem do outro. A citação abaixo exemplifica o movimento exotópico:

Existe uma concepção muito vivaz, embora unilateral e por isso falsa, segundo a qual, para melhor se interpretar a cultura do outro é preciso como que transferir-se para ela e, depois de ter esquecido a sua, olhar para o mundo com os olhos da cultura do outro. É claro que certa compenetração na cultura do outro, a possibilidade de olhar para o mundo com os olhos dela é um elemento indispensável no processo de sua interpretação; entretanto, se a interpretação se esgotasse apenas nesse momento ela seria uma simples dublagem e não traria consigo nada de novo e enriquecedor. A interpretação criadora não renuncia a si mesma, ao seu lugar no tempo, à sua cultura e nada esquece. A grande causa para a interpretação é a distância do intérprete – no tempo, no espaço, na cultura – em relação àquilo que pretende interpretar de forma criativa... Nesse encontro dialógico de duas culturas elas não se fundem nem se confundem; cada uma mantém sua unidade e sua integridade aberta, mas se enriquecem mutuamente. (BAKHTIN, 2003, p.365-6)

Janzen (1998, 2005), ao formular uma perspectiva de diálogo intercultural com base nos estudos de Bakhtin, afirma que a exotopia, a alteridade e a empatia são categorias inseparáveis na teoria bakhtiniana e se baseiam no dialogismo, ou seja, na concepção de que somos constituídos por múltiplas vozes que dialogam e podem expressar visões de mundo e valores distintos, podendo concordar ou discordar entre si. Esses são conceitos que centralizam a problemática não só deste texto, mas de todo o processo de aprendizagem/conhecimento, perpassando todas as etapas do curso de formação, pois, para os profissionais da educação já mencionados anteriormente, foi necessário que ficasse evidente a metodologia de trabalho desenvolvida na proposta pedagógica e em que ela se fundamentava.

Os estudos de Janzen (1998, 2005) partem de reflexões sobre o ensino-aprendizagem de língua e literatura alemãs para brasileiros. No entanto, nos permitem compreender que a interculturalidade configura-se não apenas no interior de diálogos de culturas nacionais distintas, mas também no diálogo de diferentes grupos socioculturais no interior de uma mesma nacionalidade.

Torquato (2008, 2014) retoma as pesquisas de Janzen e discute a interculturalidade no ensino de português como língua estrangeira e materna. A autora observa a crítica realizada por Janzen sobre a perspectiva tradicional de cultura que implica no apagamento das diferenças socioculturais, de modo a propiciar uma homogeneização interna do grupo. Além da homogeneização e delimitação dos grupos, nessa perspectiva, compreende-se que todos os grupos devem seguir as mesmas fases de desenvolvimento cultural, de modo que se considera que, dada a diferença cultural entre os grupos, há culturas mais desenvolvidas que outras.

Para a autora, a interculturalidade, a partir de uma perspectiva bakhtiniana, contribui para o respeito às diferenças, tornando possível o diálogo com grupos, em diversos aspectos culturais. Pode-se dizer que os indivíduos, em uma sociedade, não possuem apenas uma cultura, pois as culturas estão relacionadas. Torquato (2014) também discute interculturalidade e sua relação com o português e os Parâmetros Curriculares Nacionais -

Língua Portuguesa, considerando que o foco do ensino, segundo esse documento, é o texto/discurso, em práticas de leitura/escuta e produção oral e escrita a partir dos gêneros discursivos. Para a autora os PCNs constituem, além das políticas linguísticas, políticas de letramentos e de identidades, o que possibilita o trabalho com a interculturalidade.

Concluindo, podemos compreender o conceito de interculturalidade, como sendo, de acordo com Torquato (2008, p. 77): (...) *a interação, o diálogo, entre sujeitos que falam de lugares sociais, históricos e culturais distintos e que realizam o movimento de empatia, que consiste em colocar-se no lugar do outro e voltar para o próprio lugar, que é inevitavelmente modificado quando do retorno.*

5. Análises

No primeiro encontro da 5ª edição do curso, além das informações contidas na ficha de inscrição, os participantes sugeriram atividades que julgavam ser interculturais, que abrangessem o espaço geográfico em que estão localizadas as escolas do município, principalmente no que se refere à fronteira Livramento X Rivera. Isso se deu pela influência que nossa educação recebe do país vizinho, Uruguai, pois muitos educandários atendem alunos oriundos desse país, com sua cultura distinta, seus costumes, datas comemorativas, jeito de vestir, corte de cabelo, enfim, características que marcam visualmente a cultura alheia (Bakhtin, 2003), por mais que alguns considerem esta uma única cultura, um só povo.

As participantes sugeriram atividades que pudessem mostrar culturas diferentes como, por exemplo, informações sobre o campo e a cidade - zona rural e urbana -, as características dos diversos bairros da cidade de Sant'Ana do Livramento, porque conhecendo as localidades, compreendem mais a respeito da comunidade onde estão presentes nas escolas em que atuam; viagens dentro e fora do Brasil; os falares regionais; as influências de outros povos na nossa cultura nacional e local; músicas midiáticas e folclóricas; danças tradicionais; vestimentas; gastronomia e curiosidades relativas ao "outro". Este é central nas discussões apresentadas por Bakhtin, ou seja, o que promove o diálogo com a diferença.

Visando a escutar a palavra do outro, esta oficina explorou o gênero oral. Os participantes, trabalhando coletivamente, posicionaram-se de maneira mais formal para conceituar interculturalidade e fazerem suas analogias. Houve a presença do gênero cartaz para a exposição desses conceitos, o que foi apropriado pelo número de pessoas presentes. Assim, puderam visualizar algumas palavras-chave: cultura - diversidade - respeito, entre outras. A seguir, um registro desta atividade:

Apresentação de conceitos de interculturalidade - gênero cartaz: "Que nada nos defina, que nada nos sujeite, que a liberdade seja nossa própria substância!" - Simone de Beauvoir.

A frase da filósofa francesa Simone de Beauvoir, levada por uma dupla, gerou grande discussão sobre interculturalidade. As participantes que apresentaram a frase, fizeram com que os colegas refletissem sobre o que é intercultural, sobre o respeito às diferenças, sobre

liberdade (de expressão, de ir e vir, de escolha). Abriu-se um leque de opiniões sobre o teor da frase referente ao “Que nada nos defina [...]”. Nesse momento, percebemos que estávamos no caminho certo, buscando compreender os estudos de Torquato (2008) e Janzen (2005) em um viés bakhtiniano sobre interculturalidade que, segundo os autores, é o diálogo com o outro, ou seja, com a diferença.

Um ponto negativo que serviu como aprendizagem foi a falta de informação a respeito da autora feminista, Simone de Beauvoir. As educadoras somente citaram a autoria da frase, não situaram as colegas em espaço e tempo, não explicaram quem foi Simone de Beauvoir. A coordenadora da oficina também poderia ter feito essa intervenção, porém passou despercebido. Seria um bom ponto de discussão e compreensão sobre interculturalidade. Também não houve pesquisa sobre esta e outros autores, talvez porque ninguém tenha questionado a biografia da filósofa e escritora francesa. O que aconteceu foi a discussão referente ao tema, à reflexão proposta pela frase.

Dentre as sugestões de atividades fornecidas pelos participantes do curso Na Ponta da Língua, selecionamos as que pensávamos ser mais apropriadas para a elaboração das oficinas, tentando atingir as necessidades e gostos da turma, já que elas deveriam ser dinâmicas, visando a participação de todas, para que assim pudesse gerar os dados para esta análise. Embora tivéssemos selecionado o tema de cada oficina previamente (após o primeiro encontro), foi natural que as mesmas fossem alteradas. Para que as tarefas fossem realizadas, as componentes dos grupos uniam-se, em sua maioria, por afinidade e, conforme relatos, se reuniam na casa de um deles para organizarem a exposição na oficina, visto que as oficinas foram semanais e havia tempo para esses encontros, ou seja, uma semana de intervalo entre uma oficina e outra. Esse foi um ponto positivo, pois os educadores trabalharam em conjunto e se empenharam na execução de cada atividade.

Esta primeira oficina foi de extrema importância, para que juntos pudéssemos tecer conceitos sobre interculturalidade. As participantes perceberam a necessidade do trabalho intercultural na escola, enfatizaram sobre identidade local e sobre a interação e respeito entre os profissionais que trabalham dentro da mesma escola, sendo este o ponto mais relevante deste trabalho.

OFICINA 2 - Navegar é preciso

Esta oficina foi realizada dia 15 de março de 2016 e tinha como objetivo promover, de acordo com a interculturalidade, um diálogo com o diferente, colocando-se no lugar do outro de modo a tentar entender a cultura alheia, pois aprender a respeitar a cultura do outro é um exercício de civismo e sabedoria. Esta oficina tratou não só de viagens, mas do deslocamento através do pensamento, do imaginário, das lembranças. É fato que os aspectos inerentes ao ato de viajar se mantiveram: a curiosidade sobre o desconhecido, sobre o conhecimento do diferente, sobre a surpresa e o encantamento do que se vai conhecer, o intercâmbio.

O diálogo entre os grupos culturais são características da interculturalidade que promove o enriquecimento dos sujeitos no encontro com a diferença, o que Torquato (2008) chama de sujeitos em diálogo. Para a autora, o sujeito em diálogo caracteriza-se pela exotopia: a aproximação e o distanciamento entre sujeitos que falam de lugares sociais, históricos e culturais diferentes, em que um se coloca no lugar do outro e voltar para o próprio lugar; ao retornar, percebe-se que houve uma modificação causada pelo diálogo intercultural.

E o diálogo é o processo que precisa ser vivenciado nas escolas, pois o ponto de vista de cada um, (gestor, professor, aluno) pode ir se transformando durante o contato com cada sujeito, ouvindo os discursos uns dos outros, (re)escutando a si mesmos e aos outros a cada momento e, assim, nessa interação dialógica, seria possível ampliar o olhar sobre si mesmos e sobre os outros, percebendo de forma clara e profunda o quanto os outros nos constituem e nós a eles.

Para a realização desta oficina referente a viagens, visando o deslocamento do sujeito, de modo a conhecer e experimentar uma nova realidade, cada participante levou um objeto/lembrança do seu país ou exterior, adquirida em alguma viagem realizada por ela ou que recebeu de presente (recordação de um lugar visitado).

Os mais diversos objetos foram colocados sobre uma mesa e cada participante apresentou o seu material ao grande grupo, relatando sobre o local visitado, características culturais, climáticas, costumes observados, etc. As participantes explicaram o motivo da aquisição do objeto, dando ênfase ao que ele representa ou representou naquele momento. Comentaram também se o objeto fazia lembrar o lugar e por quê motivo.

Muitos locais diferentes surgiram. Todas ficavam atentas aos relatos e às sensações demonstradas pelos que vivenciaram a experiência. Foi a oficina que mais pareceu interessar a todas as participantes, pois questionaram, queriam saber detalhes do local e comparavam às suas próprias viagens.

OFICINA 3 - O Sabor da Cultura

Esta oficina foi realizada no dia 22 de março de 2016. O objetivo desta atividade foi resgatar experiências culturais de familiares (em especial mães e avós) através da gastronomia, fazendo uso dos gêneros discursivos anúncio publicitário e receita. Destacamos o gênero feminino nesta atividade, pois com a desigualdade de gênero, principalmente nas décadas anteriores - anos 60, 70, 80 e 90 - as mulheres eram (e a maioria ainda são) as responsáveis pela cozinha. Segundo relatos de algumas cursistas, suas mães e avós até hoje se esmeram na cozinha, produzindo pratos para agradar a família.

A relação existente entre a questão de gênero e a interculturalidade, nesta atividade, está vinculada ao conceito de Laraia (2009) que apresenta uma discussão de cultura sob um olhar antropológico. Para o autor, mesmo havendo diferenças determinadas biologicamente como a de sexo, por exemplo, a antropologia tem comprovado que atividades atribuídas à

mulher em uma dada cultura podem ser atribuídas ao homem em outra (Laraia, 2009), ou seja, não é o aparelho reprodutor humano que define as funções sociais de cada pessoa.

Nesta terceira oficina, voltada às questões em que gastronomia e cultura estão relacionadas, abordou-se este viés antropológico. Houve quem concordasse e quem discordasse. Evidentemente a teoria surgiu, nesta atividade, depois da prática, já que o nosso grupo de educadores do curso Na Ponta da Língua foi formado somente por representantes do gênero feminino e essa questão de gênero está relacionada à cultura, onde as funções que exigem cuidado - como educação e saúde - são cargos culturalmente ocupados por mulheres, pois aprendem/experenciaram desde o nascimento, na vivência com seu núcleo familiar. Paulo Freire, em seu livro *Professora sim, tia não - Cartas a quem ousa ensinar*, discute essa questão de identidade:

Discutir, porém, a questão da identidade dos sujeitos da educação, educadores e educandos, me parece que implica desde o começo de tal exercício, salientar que, no fundo, a identidade cultural, expressão cada vez mais usada por nós, não pode pretender exaurir a totalidade da significação do fenômeno cujo conceito é identidade. O atributo cultural, acrescido do restritivo de classe, não esgota a compreensão do termo “identidade”. No fundo, mulheres e homens nos tornamos seres especiais e singulares. Conseguimos, ao longo ele uma longa história, deslocar da espécie o ponto de decisão de muito do que somos e do que fazemos para nós mesmos individualmente mas, na engrenagem social sem a qual não seríamos também o que estamos sendo. No fundo, nem somos só o que herdamos nem apenas o que adquirimos, mas a relação dinâmica, processual do que herdamos e do que adquirimos. (FREIRE, 1997, p. 63)

O autor afirma que o que herdamos e o que adquirimos no decorrer de nossas vidas - nossa bagagem de convivência social, educativa, familiar, tudo o que abstraímos e experienciamos - estão relacionados, e isso é o que forma a identidade cultural, caracterizando-nos como sujeito e com a liberdade para aprender e buscar o que desejamos, sempre por meio do diálogo e conhecimento da realidade. Esse conceito de identidade cultural foi evidenciado no curso de formação, em que as participantes - todas do gênero feminino – entenderam que tudo que é cultural pode ser apreendido.

A atividade teve início com a exposição de diferentes pratos gastronômicos levados pelas participantes para degustação. Em pequenos grupos, ou individualmente, os participantes do curso Na Ponta da Língua prepararam, em suas casas, uma receita que lhes fosse familiar, ou seja, uma comida típica tradicional, um prato que relembresse a infância, algo contendo ingredientes de consumo local ou até mesmo alguma coisa que, aos seus olhos, fosse cultural. Esta tarefa foi executada com muito sucesso, pois todos os grupos prepararam e levaram à oficina alimentos diferentes para apresentação do prato e degustação.

Primeiramente, os pratos foram organizados em uma grande mesa - para a exposição gastronômica - e, na sequência, as participantes dos grupos apresentaram sua culinária. Explicaram a origem do prato, onde degustaram a receita pela primeira vez, se o alimento é consumido costumeiramente em seu núcleo familiar, citaram ingredientes de preparo, enfim, descreveram a receita e, utilizando o gênero anúncio publicitário, tentaram vender seu produto aos colegas.

Nessa atividade, foram abordados dois gêneros discursivos: o anúncio publicitário e a receita. O primeiro gênero (anúncio publicitário) geralmente apresenta-se de forma variada – divulgando um determinado evento, como por exemplo, um show, uma feira cultural, de moda, anunciando uma promoção referente ao comércio, anunciando um produto que acabou de ser lançado no mercado. Enfim, vários são os objetivos traçados por parte do interlocutor na tentativa de persuadir o outro.

Diante de tal finalidade discursiva, a linguagem, necessariamente, precisa, além de ser clara e objetiva, bastante atrativa. Para tanto, torna-se indispensável o predomínio de uma linguagem não verbal, uma vez que imagens tendem a ser mais chamativas e, conseqüentemente, contribuem para a concretização dos objetivos propostos. E, falando sobre linguagem, é essencial que saibamos sobre um aspecto bastante peculiar – a presença de alguns recursos estilísticos voltados à conotação, ou seja, passíveis de múltiplas interpretações. Assim, metáforas, comparações, ironia, jogo de palavras, dentre outras, fazem parte dos gêneros, aspectos que foram explorados pelas participantes.

OFICINA 4 - Quem somos?

Esta oficina teve o objetivo de explorar culturas e identidades de diversos países, regiões, povos, conhecidos ou não pelas participantes do curso, colocando-as em diálogo a fim de compreender uma nova cultura. A oficina foi criada para que as envolvidas nas atividades pudessem gerar uma percepção do conceito de cultura: como ela aconteceu; de onde provêm tais costumes, como chegam até nós, como atingem um grande público. Procurou-se traçar um paralelo entre o mais antigo e o mais moderno. “O mais antigo”, nos referimos àquilo que não temos ideia de onde surgiu, que sem um estudo aprofundado ou uma simples pesquisa, não saberíamos dizer o porquê das atitudes de um determinado povo, por que se alimentam de determinada forma, por que se vestem diferente, por que falam daquela maneira, com aquele sotaque, enfim, são diferenças culturais que nos chama a atenção.

Para Bakhtin, a identidade é um processo e resulta de

um movimento em direção ao outro, um reconhecimento de si pelo outro que tanto pode ser a sociedade como a cultura. E o elo de ligação é a linguagem. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, em última análise, em relação à coletividade. (...) A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN, 1992, p.113).

Assim, cada povo tem sua própria cultura, com suas peculiaridades, ou seja, sua identidade e esta é o que distingue um povo do outro. Por exemplo, no Rio Grande do Sul existem variações linguísticas que são características do povo gaúcho, assim como a visão de valores morais, a religiosidade, a arte, a culinária, os modos de vestir, pensar e agir dentre outros. Já em outro Estado do Brasil, esses elementos culturais possuem outras características.

Na oficina *Quem somos?* tentou-se resgatar elementos culturais visíveis (roupas, acessórios), além de costumes e crenças, para serem descritos e analisados pelos participantes. Estes fizeram uma analogia, contrapondo características reais e imaginárias para comporem um novo povo, um novo estilo de vida.

Em grupos, as participantes criaram uma indumentária para o “estilo de vida” elaborado por elas. Esses acessórios, lenços, bonés, etc, foram trazidos de suas casas, conforme o combinado nos grupos (atividade extraclasse). Também levaram uma mensagem pertinente a essa comunidade criada para a realização desta atividade.

Excerto do Diário (dia 29 de março de 2016)

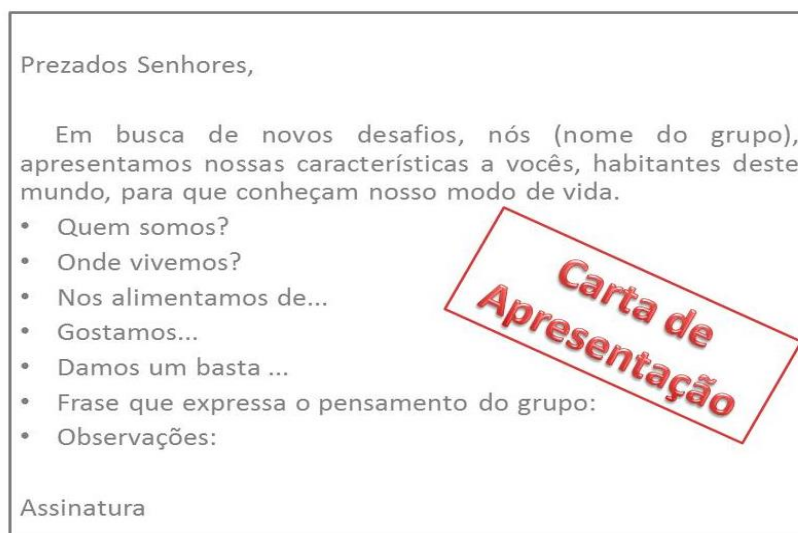
O primeiro grupo a se apresentar na quarta oficina - Quem somos? - Foi “Os Andarilhos”. Conforme o relato das educadoras, escolheram este nome porque o estilo de vida criado pelo grupo é de percorrer o mundo de um modo simples e arcaico. Os acessórios como óculos solar e cobertura (lenço na cabeça, boné, chapéu) é para se proteger das intempéries. Nos pés, usam o que lhes for oferecido pelas pessoas dos locais onde passam (no registro fotográfico nota-se que os calçados não estão combinados, não são os mesmos. Cada pé calça um sapato de modelo diferente). Na mochila, carregam seus poucos pertences e alimentos; também carregam panos para se cobrir à noite, quando a temperatura costuma cair.

O grupo apresentou o gênero cartaz contendo uma conhecida frase de Mário Quintana: “Viajar é trocar a roupa da alma.” Este pensamento caracterizou o estilo de vida proposto pelas participantes. As demais colegas falaram sobre esta frase e mostraram-se de acordo com a mensagem. Uma das participantes explicou que a mensagem sintetizava o que se pode sentir em uma viagem: novas experiências, novas vivências, uma troca de diálogo, de doação, de valorização do que é seu e do que é do outro.

Observamos que quando voltamos de uma viagem, vemos a terra natal com outros olhos; não apenas com bons olhos, mas críticos também, sendo preciso questionar o que se aprendeu. Desta maneira, acontece a interculturalidade, com sua intenção direta de fomentar o diálogo e a relação entre culturas, valorizando a diferença.

O gênero discursivo desenvolvido nesta oficina, além do relato oral, foi a carta de apresentação. Cada grupo entregou sua carta de apresentação escrita e, no momento da apresentação, utilizaram o gênero oral para a exposição do trabalho.

Todos os grupos levaram uma carta com o objetivo de apresentar suas características sociais, costumes, tradições, crenças, culinária, etc. Embora este gênero, geralmente, seja empregado como primeiro contato com uma empresa, contendo qualificações do “candidato” para que o interesse pelo mesmo seja despertado, este foi o gênero utilizado na oficina *Quem somos?* Deste modo, os grupos puderam apresentar suas características ao grande grupo, na tentativa de ser aceito pelos colegas que representavam a sociedade em geral. A seguir o modelo da carta de apresentação distribuído aos participantes para esta atividade:



Prezados Senhores,

Em busca de novos desafios, nós (nome do grupo), apresentamos nossas características a vocês, habitantes deste mundo, para que conheçam nosso modo de vida.

- Quem somos?
- Onde vivemos?
- Nos alimentamos de...
- Gostamos...
- Damos um basta ...
- Frase que expressa o pensamento do grupo:
- Observações:

Assinatura

Foto 1: Modelo da carta de apresentação elaborado pelas educadoras.

Esta última oficina com foco específico na interculturalidade mostrou-se muito dinâmica e criativa. Foi surpreendente as apresentações, com as vestimentas que levaram e o estilo de vida aparentemente implantado em cada uma, o que revelou o compromisso das participantes na realização dessa atividade de modo tão significativo. Além disso, o mais importante foram seus discursos referentes à diferença e à diversidade cultural que fomentaram excelentes discussões e debates.

Enfim, o objetivo das oficinas foi fazer com que as participantes do curso de formação refletissem sobre a importância de uma abordagem intercultural no ambiente escolar, promovendo, de acordo com a interculturalidade, um diálogo com a diferença. As

profissionais da educação que desenvolvem as mais variadas funções em suas instituições de ensino foram inseridas num mesmo contexto, com suas peculiaridades, experiências, conhecimento de mundo e formação (acadêmica ou não) valorizada. Essas profissionais tiveram a oportunidade de conhecer/refletir/aprender sobre a realidade da sociedade (e escolar) em que estão inseridas (e outras diferentes), bem como pensar quem são os diferentes sujeitos envolvidos no processo de educação pelos olhos dos ‘outros’ (colegas).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso *Na ponta da língua* foi criado com a intenção de cumprir legalmente atribuições da mantenedora – SME – no que se refere à formação dos profissionais da educação básica. A LDBEN n.º 9394/1996 garante a habilitação compatível com a atividade educativa de cada funcionário, além de sua formação permanente e, de acordo com a Lei nº 12.014/2009 e o disposto no parágrafo único do art. 62 da Lei de Diretrizes e Bases, a profissionalização tornou-se direito de todos os funcionários da educação, em exercício permanente da sua função em escolas públicas.

Há um tempo, eram considerados profissionais da educação apenas os funcionários que tinham curso de magistério exercendo o cargo de professor, diretor, supervisor, coordenador pedagógico. Porém, com a alteração do artigo 61 da lei de diretrizes e bases da educação nacional, são reconhecidos os funcionários da administração escolar devidamente habilitados como profissionais da educação, e como tais também possuem o dever de educar, pois convivem no ambiente escolar. E esse é o diferencial destas oficinas. Comparando-se Na Ponta da Língua com outros cursos de formação continuada, podemos notar que as diferentes profissionais da educação da rede municipal de ensino de Sant’Ana do Livramento-RS puderam interagir no mesmo grupo, com as mesmas abordagens, refletindo sobre diferentes conceitos e realizando as mesmas tarefas. O grupo de participantes não foi subdividido de acordo com seus cargos, funções.

Todas as profissionais da educação municipal que se matricularam no curso, sendo elas gestoras, professoras, coordenadoras pedagógicas, atendentes, secretárias de escola, manipuladoras de alimentos ou serventes, trocaram conhecimentos/experiências e estiveram juntas para a discussão e reflexão sobre a interculturalidade no meio escolar e fora dele. A Secretaria Municipal de Educação ainda promove diversos cursos de formação continuada para seus profissionais, muitas vezes em parceria com outros órgãos públicos ou privados, mas a formação em que todas as estão inseridos no mesmo contexto e com os mesmos recursos, revela-se extremamente enriquecedora.

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Estética da criação verbal*. Tradução, a partir do francês, de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BRASIL. *Decreto nº 2.208 de 17 de abril de 1997*. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 42 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/topicos/11735318/decreto-n-2208-de-17-de-abril-de-1997> Acesso em: 22 abr 2016.

BRASIL. Constituição. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 22 abr. 2016.

BRZEZINSKI, I.& VIEIRA, J. Políticas de formação de profissionais da Educação: professores e funcionários da educação básica. In: BRZEZINSKI, Iria (Org.). *LDBEN/1996 Contemporânea – contradições, tensões, compromissos*. São Paulo: Cortez, 2014.

CANDAU, V. M. (org.). *Didática crítica intercultural: aproximações*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*. 18. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

FREIRE, P. *Professora sim, Tia não – cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

GERALDI, J. W. A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética e estética. In: FREITAS, M. T.; SOUZA, S. J. DE; KRAMER, S. (Org.). *Ciências humanas e pesquisa. Leituras de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2003.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, SP, n. 3, v.5, p. 20-29, 1995.

JANZEN, H. E. *O Ateneu e Jakob von Gunten: um diálogo intercultural possível*. 2005.153 f. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Alemã). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2005.

JANZEN, Henrique Evaldo. *Mediação cultural, abordagem comunicativa e ensino de língua estrangeira: o conceito linguístico de Bakhtin e os pressupostos da interculturalidade*. São Paulo, Dissertação (Mestrado) - USP, 1998.

LARAIA, R. *Cultura: um conceito antropológico*. 24 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

TORQUATO, C. P. Interculturalidade, políticas de letramento e ensino. In: Adalberto Dias

de Carvalho. (Org.) *Interculturalidade, educação e encontro de pessoas e povos*. Porto: Edições Afrontamento, 2014.

TORQUATO, C.P. Interculturalidade e o ensino de PLE. In: *Arenas de Bakhtin – linguagem e vida*. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2008, p.77-89.